

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$500
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

XIII

A UNICA SAHIDA

(Continuação.)

O conde suppôz que o pequeno lhe pedia esmola. Tirou do bolso uma moeda de dez soldos e, sem demorar a marcha do animal, atirou-a ao rapazinho.

Este apanhou a moeda, beijou-a, segundo o costume dos camponios, antes de mettel-a na alabeira, e depois, correndo novamente, alcançou o Sr. de Vezay, e, mantendo-se ao lado do cavalo, disse-lhe :

— Obrigado, Sr. conde! porém não era isto o que eu queria...

O conde parou o animal.

— Não era isto o que me querias? perguntou.

— Não, senhor, oh! não!...

— Então que era?

— Tenho uma cousa para lhe dizer...

— A mim?

— Sim, senhor.

— Pois falla.

— Nesse caso, Sr. conde, faça o favor de vir comigo.

— Aonde?

— O Sr. conde verá... não é longe...

— Não irei contigo sem que me digas a que logar queres que eu te acompanhe.

— Isso não posso eu dizer, Sr. conde.

— Oh! e porque?

— Porque me recommendaram muito que não expliqueasse cousa alguma e que o conduzisse simplesmente...

Ella me repetiu mais de dez vezes : — « Nicasio, traze-o contigo, mas sem lhe dizeres para onde o trazes. »

O Sr. de Vezay comprehendeu logo que se tratava de Suzana.

Não insistiu, pois, e acompanhou o pequeno.

Ao cabo de cinco ou seis minutos de caminhar, avistou a rapariga, tristemente sentada, ao pé de um grande carvalho.

Tinha ella no regaço algumas flores silvestres, que desfolhava com manifesta distracção.

Era facil ver-se que o seu pensamento estava ausente.

A pobre rapariga achava-se bem mudada.

Os bellos tons de um moreno roseo que lhe tingiam as faces tinha desaparecido.

O oval de seu semblante allongara-se.

Um circulo azulado se lhe desenhava sob as palpebras inchadas e vermelhas.

Ouvindo o ruido das patas dos cavallos, Suzana levantou-se vivamente.

Deixou cahir o resto das flores que tinha no regaço, e esperou de olhos baixos, commovida, tremula, com o coração palpitar.

O rapazinho que acabava de servir de guia ao Sr. de Vezay tinha desapparecido no matto logo que desempenhára a sua missão. — Não tardará que o vejamos reapparecer nesta narrativa.

O conde parou a alguns passos de distancia.

Apeou-se do cavallo, atou a rédea a uma arvore, e aproximou-se de Suzana, cujas mãos tomou nas suas affectuosamente.

— Então, minha pobre filha, disse-lhe, você desejou vér-me e fallar-me?..

— Sim, Sr. conde... balbuciou Suzana. Ha quatro dias que venho esperar aqui e que faço Nicasio correr através da floresta, esperando sempre que o acaaso o collocasse na sua passagem... Hoje começava a perder a esperança...

— Ha quatro dias que espera, minha filha! exclamou o Sr. de Vezay.

— Sim, Sr. conde.

— Tem então alguma cousa muito importante que me dizer?...

— Muito importante e muiro triste... infelizmente!..

— Está me assustando, Suzana!... falle, diga de pressa!...

— E' que eu estou mais perdida do que o supunha...

— Que quer dizer?

— Acontece uma desgraça...

— Uma desgraça?...

— Sim, a maior de todas!

— Qual é?

Suzana pendeu a cabeça no seio, e, após um momento de hesitação, respondeu:

— Estou gravida...

O Sr. de Vezay recuou um passo.

— Gravida!! repetiu elle. Ah! Deus do céo!...

— Está vendo, balbuciou Suzana, está vendo que eu tinha razão em fallar de uma desgraça!...

— Mas, minha filha, tem bastante certeza de que não se engana?

O collo da rapariga, suas faces, e até a fronte tornaram-se escarlates.

O Sr. de Vezay repetiu a pergunta.

— Se tenho certeza? balbuciou a rapariga; oh! demasiada certeza!

O conde estava aterrado.

A possibilidade de uma gravidez nem se quer, até então, se lhe havia apresentado ao espirito.

Ora, a causa imprevista e fulminadora acontecia!...

Como haver-se para evitar um escandalo imminente?

Como occultar á condessa um acontecimento que dentro em breve, sem duvida, seria a novidade e a fabula da terra?

Um momento de culpada loucura produzia os seus fructos empeçonhados!

Ia o Sr. de Vezay talvez pagar á custa do repouso perdido de seu lar domestico, á custa da felicidade destruida de todo o seu futuro, algumas horas de voluptuosidades adulteras!...

Custasse o que custasse, cumpria desviar o raio.

Mas como?

Eis o que a si proprio perguntava o conde, abysmado no pelago de profunda perplexidade, ao passo que junto delle Suzana chorava e torcia as mãos.

De repente uma idéa atravessou o espirito do Sr. de Vezay, idéa triumphante e luminosa.

O sombrio desanimo impresso desde alguns momentos antes na sua fronte apagou-se como por encanto.

— Salvos!... exclamou elle; estamos salvos!..

— Salvos? repetiu Suzana interrogando o conde com o olhar.

— Sim, filha! completamente salvos!

— Mas como?

— Pelo mais simples e melhor de todos os meios... E' necessario que te cases... e eu me incumba disso...

A pallidez que cobria o semblante da rapariga desapareceu de novo para dar logar a vivo rubor.

Depois, sacudiu ella tristemente a cabeça e murmurou:

— Agora, quem me ha de querer?

— Quem ha de querel-a? exclamou o conde; seria deveras muito difficult de contentar quem não a quizesse!... Muito feliz, mil vezes feliz o homem que se tornar seu marido... Suzana, seja franca para comigo... Promette que o será?...

— Prometto...

— Bem! até o dia em que eu a vi pela primeira vez ninguem lhe havia feito a corte?

— Havia, Sr. conde... Um homem... um unico.

— Moço e bonito rapaz, sem duvida?

— Nem uma, nem outra cousa, mas queria casar-se comigo, e creio que me estimava bastante...

— Por acaso, conhecerei eu esse homem, Suzana?

— Conhece.

— E' algum dos meus arrendatarios talvez, ou algum dos meus rachadores de lenha...

— E' um famulo seu.

— Qual delles?

— O seu couteiro Caillouet.

— Caillouet! exclamou o conde; Caillouet é um môcho hediondo para uma rôla graciosa como você, Suzana!... Mas, se elle não lhe desagrada muito, você se casará com elle, e creio que poderá ser feliz...

— Caillouet não se casará comigo, Sr. conde...

— Oh! e porque?

— Porque é um homem honrado e não aceitará nem a falta que commetti, — embora só a violencia, o Sr. conde bem o sabe, me haja tornado culpada, — nem o filho que trago no seio...

— Mas quem lhe irá contar tudo isso, não me dirá? perguntou o conde.

— Pois não é necessario que elle o saiba?

— De modo nenhum!..

— Mas casar-me com elle sem revelar-lhe a verdade seria enganal-o de uma maneira indigna!...

O Sr. de Vezay encolheu os hombros.

Em seguida empregou toda a sua eloquencia e todos os raciocinios solidos o errados que pôde reunir, para provar a Suzana que o que elle lhe propunha estava-se fazendo todos os dias e que era, na sociedade, uma cousa tão simples que ninguem pensava, se quer, em admirar-se.

A rapariga resistiu por muito tempo.

A admiravel rectidão de seu juizo lhe dizia que era uma accão odiosa enganar ácerca do seu passado um homem honrado que se entregava cheio de confiança e de amor.

Mas o Sr. do Vezay, que, para livrar-se daquella situação perigosa, não enxergava outra saída além do casamento de Suzana, — o Sr. de Vezay, dizemos, resolveu convencel-a a todo custo.— Amoncou, pois, argumentos sobre argumentos, sophismsas sobre sophismsas!

Em summa, fatigada de sua inutil defesa, — convencida ou não, — Suzana cedeu, e prometeu não difficultar, com intempestiva revelação, os planos matrimoniaes do conde.

Quando o Sr. de Vezay separou-se da rapariga, estava quasi socegado ácerca do futuro, e não punha

em duvida a possibilidade de levar a bom exito o plano que concebera.

Parece-nos util expôr novamente aos olhos dos leitores o retrato que no começo desta obra traçamos do couteiro.

Caillouet, — dissemos, — era um homem de elevada estatura, de seus quarenta e dous a quarenta e cinco annos de idade.

Seus cabellos espessos, muito crespos, e anteriormente de um louro equivoco, iam ficando grisalhos nas fontes e no alto do crâneo.

Era tisnada como a de um indio a pelle de seu rosto enrugado e de traços duros.

Espessos bigodes sombreavam-lhe o labio superior, e a barba de um castanho avermelhado cobria-lhe inteiramente a parte inferior do semblante.

Em summa, a primeira impressão produzida pelo aspecto de Caillouet devia ser, e era realmente, desagradabilissima, e mais detido exame aumentava essa repulsa em vez de diminuila.

Com effeito, o olhar do couteiro era um desses olhares falsos e fugitivos que denotam raramente uma boa natureza e instintos honestos.

Um jury, composto dos mais inoffensivos burguezes, sentiu-se-hia disposto a condenar Caillouet, só pela cara.

Infelizmente essa cara não era totalmente enganadora.

Não é que o couteiro fôsse um homem de más entranhas e corrompido; mas tinha uma indole dissimulada, ciumenta, arrebatada, e paixões de uma violencia extrema que, uma vez sobreexcitadas, podiam conduzil-o a todos os excessos, a todos os crimes talvez.

Havia vinte annos que elle estava ao serviço do Sr. de Vezay, e, apezar desse longo contacto quotidiano, e da benevolencia com que o conde o tratava, o famulo sentia apenas pelo amo uma affeção fria, uma dedicação limitada.

O conde, pouco familiarizado com o estudo do coração humano, depositava plena confiança em Caillouet, e acreditava que um coração ardente e um apêgo sem limites se occultavam sob aquella rude crosta.

Graças a essa convicção, o couteiro via-se objecto de numerosas preferencias da parte de seu amo.

Essas preferencias tinham suscitado bastantes ciumes entre os outros famulos do castello.

A criadagem em massa detestava o couteiro — sobretudo porque elle era, ou suppunham que fôsse, o favorito do amo, e tambem por causa da insociabilidade de seu carácter e da aspereza quasi brutal de suas maneiras.

Um dos picadores, entre outros, votava ao Caillouet uma aversão sem limites,—aversão que elle dissimulava o melhor possível, pois o couteiro lhe inspirava tanto medo quanto odio, desde certo dia em que, em seguida a uma curta discussão, recibera da mão delle umas chicotadas que elle não ousaria retribuir.

Esse picador chamava-se la Ramée.

Experimentou elle uma das maiores satisfações

quando percebeu que Caillouet estava apaixonadamente enamorado de Suzana Guillot.

Com o seu instincto hostil, adivinhava que por esse lado, sem duvida, o couteiro tornar-se-hia facilmente vulneravel.

Por isso, vimol'o fazer-se espião afim de seguir o conde no parque depois da ceia dos caçadores, caminhar-lhe nas pisadas e acompanhal-o de longe até á cabana da camponeza.

Vimol'o, emfim, esfregar satisfeito as mãos quando comprehendeu que a rapariga fôra completamente vendida.

A adorada de Caillouet era amante do amo!... que satisfação e que triumpho para um inimigo!...

La Ramée a si proprio prometteu tirar partido, em tempo opportuno, do segredo que acabava de surpreender,—quando mesmo tivesse de expôr a pelle á nova sova de chicote.

Eis qual era a situação dos nossos personagens principaes, na occasião em que o Sr. de Vezay resolvia o casamento de Caillouet com Suzana.

XIV

O CASAMENTO

No dia seguinte áquelle em que a gravidez de Suzana fôra revelada pela rapariga ao Sr. de Vezay, mandou este logo pela manhã dizer a Caillouet que tencionava visitar uma parte das suas mattas, e que elle se aprontasse para acompanhal-o.

O couteiro pegou na sua carabina e esperou as ordens do conde.

O Sr. de Vezay saiu do parque com Caillouet, e, convidando-o a expender a sua opinião ácerca de um novo modo de exploração que queria introduzir nas suas florestas, obrigou-o a caminhar lado a lado com elle.

O conde e o couteiro visitaram durante varias horas alguns trabalhos encetados, e depois o Sr. de Vezay tomou o caminho do castello, porém não o mesmo por onde tinha ido, conversando sempre com seu companheiro e accommodando-se de modo a passar perto da habitação de Suzana Guillot.

Logo que avistaram a cabana, a agitação de Caillouet tornou-se manifesta, — ao menos para um olhar prevenido como o estava o do conde.

Suzanna não se mostrou.

A porta se conservou fechada.

Depois de haverem passado pela cabana, Caillouet voltou-se duas ou tres vezes, esperando sem duvida que o ruido dos passos nas folhas secas atrahisse a attenção da rapariga e que esta apparecesse á porta de sua casa.

Não aconteceu assim.

Sómente o conde perguntou ao seu companheiro:

— Que estás tu olhando, Caillouet?

— Eu, Sr. conde? disse o couteiro em tom admirado.

— Tu, sim.

— Eu não estou olhando nada, Sr. conde...

— Porque é então que voltas a cabeça a cada passo?... Terás adivinhado algum cabrito nas massegas?

— Qual, Sr. conde! não vi nem cabrito, nem veado.

O Sr. de Vezay não quiz insistir, mas perguntou:

— Caillouet, de quem é aquella cabana que alli está, á esquerda?

— Era de um dos seus rachadores de lenha, Sr. conde; respondeu o couteiro.

— Como se chamava?

— Guillot.

— Esse Guillot não morreu ha dous ou tres annos?

— E' exacto, Sr. conde.

— Tinha filhos?

— Uma filha unica.

— Ainda mora nas minhas terras essa filha de Guillot?

— Ainda, Sr. conde; mora naquella cabana, onde morreu o pai.

— Sózinha?

— Sózinha, Sr. conde, e a trabalhar duramente para viver, pois é uma rapariga corajosa!

— Triste situação para uma rapariga!... murmurou o fidalgo.

Caillouet fez um signal afirmativo.

O Sr. de Vezay continuou:

— E tão bonita quanto animosa? perguntou elle.

— È formosa como um anjo, Sr. conde! respondeu o couteiro.

— Devéras!..

— E tão honesta como formosa... felizmente!.. porque, se assim não fôra, a sua belleza seria uma desgraça para ella!...

— O velho Guillot tinha trabalhado muito tempo para mim, não é verdade, Caillouet?

— Quarenta ou cincuenta annos, para o Sr. conde e para o Sr. seu falecido pai.

— Era um antigo e fiel servidor... Sinto não ter feito nada pór elle... Infelizmente é tarde... Mas ocorre-me uma idéa...

— Uma idéa? repetiu o couteiro.

— Sim.

Caillouet olhou pa ra o amo, como para interrogar.

O Sr. de Vezay prosseguiu:

— O que não fiz pelo pai quero fazer pela filha...

— Suzana não carece de cousa alguma, Sr. conde... balbuciou Caillouet com voz indistincta.

O conde não deu mostras de ter ouvido e continuou:

— Quero casal-a...

O couteiro empallideceu levemente.

— Bonita, honesta e trabalhadora, como dizes que ella é, prosseguiu o Sr. de Vezay, — e com um docezinho que juntarei ás suas demais qualidades, achar-lhe um marido será facil... Vou pensar nisso...

Caillouet parecia possuido de extraordinaria emoção.

Após alguns momentos de silencio, o conde exclamou:

— Agora refleto! Pedro Thibaut, o filho do meu arrendatario, está justamente na idade de se casar... Vou propôr-lhe que se case com Suzana Guillot... E' um excellente rapaz, que ha de tornar feliz sua mulher... Que dizes do meu projecto, Caillouet?

O couteiro estava livido.

— Sr. conde, murmurou elle pondo as mãos em ar supplicante; em nome do céo, não faça semelhante cousa!

— Oh! dizes-me que não faça semelhante cousa!... repetiu admirado o Sr. de Vezay.

— Não trate de casar Suzana...

— Tens então muito empenho em que a rapariga não se case?

— Oh! mais do que ninguem, Sr. conde!...

— E porque?

Caillouet hesitou manifestamente.

Dava-se nelle violento combate.

A sua physionomia estava alterada, e grossas bagas de suor corriam-lhe sob a pala do seu bonet de caça.

— Porque faço empenho em que Suzana não se case? respondeu elle afinal. E' porque, Sr. conde... eu amo-a!...

— Tu a amas! exclamou o conde.

— Cem vezes mais do que a propria vida!

— Ah! meu pobre Caillouet, porque não me faleste mais cedo?

— Não me atrevia...

— E a rapariga conhece o teu amor?

— Já lh'o confessei, Sr. conde.

— Ella compartilha-o?

— Ainda não... desconfio muito... porém mais tarde, talvez.

— O amor no casamento, não é isso? — Bem, Caillouet, o meu plano subsiste... haverá apenas um nome trocado, o principal, — o do noivo... Em vez de casar Suzana Guillot com Pedro Thibaut, casal-a-hei contigo... Aceitas?

(Continua no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quiserem continuar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.